

## ACERCA DO CAMPO FORTIFICADO DE «CHÕES» DE ALPOMPÉ (SANTARÉM)

Por  
G. ZBYSZEWSKI  
O. DA VEIGA FERREIRA  
e  
M. CRISTINA SANTOS

### I — NOTÍCIA HISTÓRICA

A primeira notícia dada a lume sobre esta fortificação é de 1953. Nessa comunicação de Amorim Girão e de Bairrão Oleiro <sup>(1)</sup> diz-se que os «Chões» se situam no rebordo de um terraço superior fluvial que ocupa um «espigão» circundado pelo Alviela, afluente do Tejo, constituindo assim um largo fosso natural na época das cheias. Foram recolhidos por esses investigadores, numa rápida prospecção feita, fragmentos de cerâmica de construções, um peso de tear, bordos e fundos de ânforas, e pedaços de mós manuais de granito. Mais tarde, num reconhecimento levado a cabo por Afonso do Paço e Maria de Lurdes

---

(<sup>1</sup>) A. de Amorim Girão e J. M. Bairrão Oleiro, «Geografia e campos fortificados romanos», *Bol. do Centro de Estudos Geográficos*. Universidade de Coimbra, n.º 6 e 7, Coimbra, 1953. (Este trabalho também foi apresentado ao IV Cong. Int de Ciências Pré e Proto-históricas).

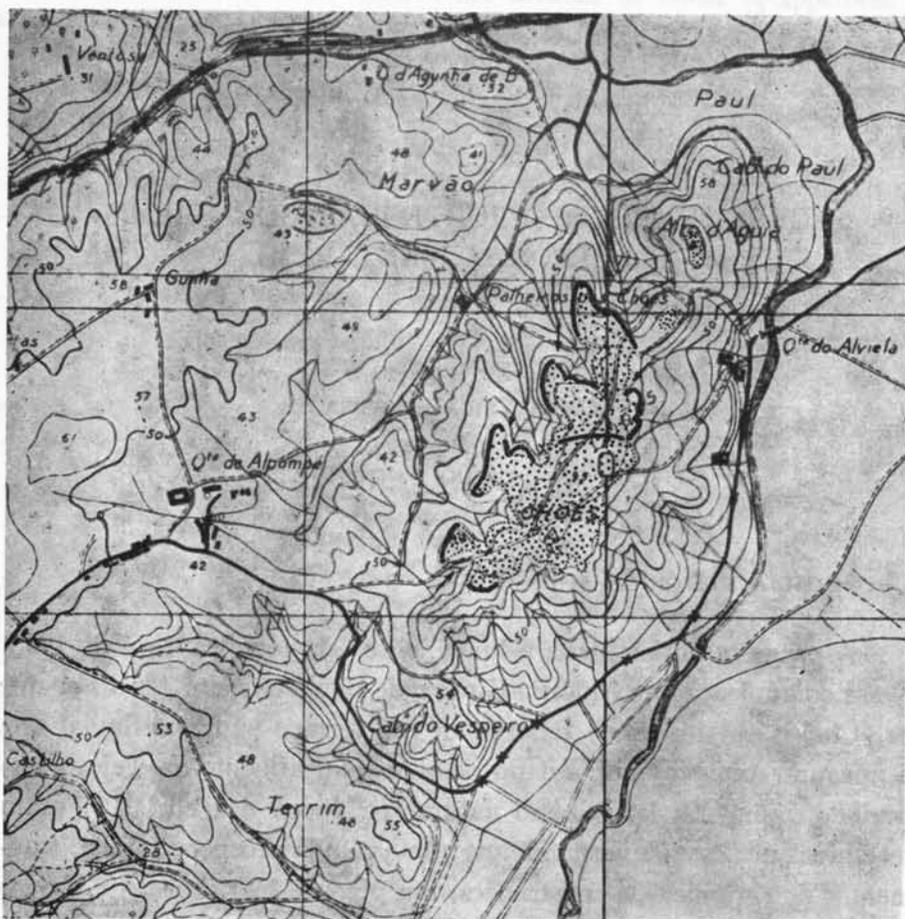


Fig. 1

Planta topográfica na escala de 1:25 000 da região da Quinta de Alompé com a implantação do povoado de Chões a ponteados, assim como os restos de terraplenos a traço cheio.

As setas indicam as entradas do povoado

Costa Artur foi recolhido um fragmento de um unguentário de barro (2). Posteriormente em 1956, Mário Saa (3) refere-se novamente ao acampamento de «Chões» dizendo, «Na assenta dos «Chões» dominando os dois rios (Tejo e Alviela), houve edifícios térreos dos romanos com algumas pedras de mistura. Reconhecemos parapeitos e reducos térreos e muitos detritos de argila, de bronze e de ferro, juncando o chão e amontoando-se nas ravinas dos outeiros, sobre a encosta do Tejo. Lembra aquelas fortalezas temporárias, espécie de campos entrenchirados, conhecidos, outrora, na Gália, por campos de César».

## II — PESQUISA EM 1967

No decorrer dos levantamentos geológicos a que estão a proceder os Serviços Geológicos de Portugal, os signatários da presente nota fizeram um reconhecimento no terraço fluvial de «Chões», procurando indústrias paleolíticas. Aproveitando a ocasião reconhecemos o campo fortificado, colhendo algum material à superfície, objecto da pequena nota que, agora, apresentamos.

## III — MATERIAL RECOLHIDO

Além do material paleolítico que encontrámos, registamos mais as seguintes peças:

- Uma asa de um *kilix*.
- 4 bordos e 9 fundos de ânforas de grande tamanho.
- 29 bordos de cerâmica doméstica de vários tipos de vasilhas.
- 11 fundos e bordos de cerâmica preta e cinzenta de contextura bastante fina.
- 22 asas de vários tipos de vasilhas domésticas, incluindo as ânforas.

(2) Informação do Ex.<sup>mo</sup> Amigo Senhor Tenente-Coronel Afonso do Paço.

(3) Mário Saa, «As vias da Lusitânia — O itinerário de Antonino Pio». T. I., p. 169, Lisboa, 1956 e T. V., p. 209, Lisboa, 1964.

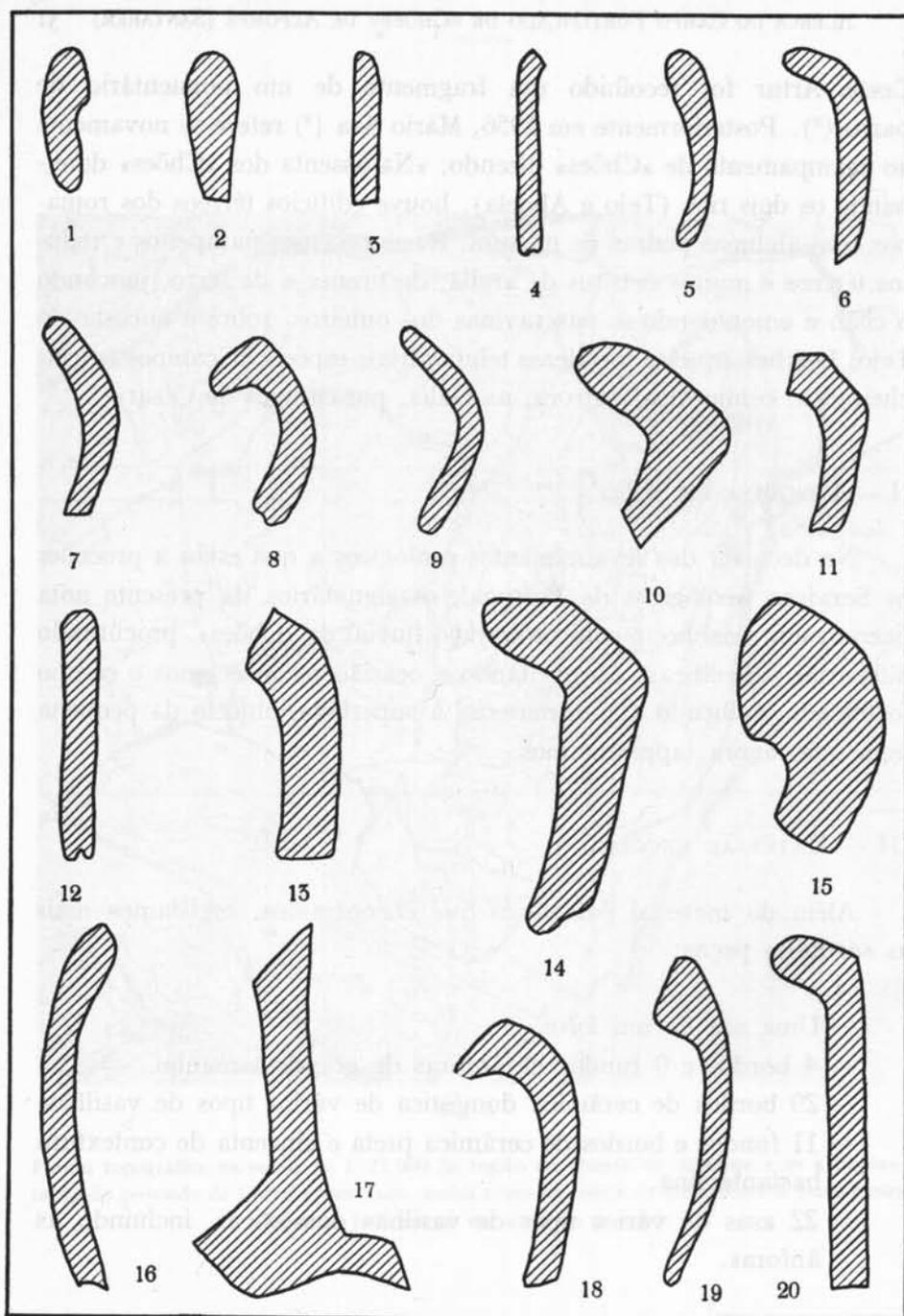


Fig. 2

1-16 — Diversos perfis em corte de bordos de cerâmica.

18-20 — Cerâmica de tipo fino ou grosseiro.

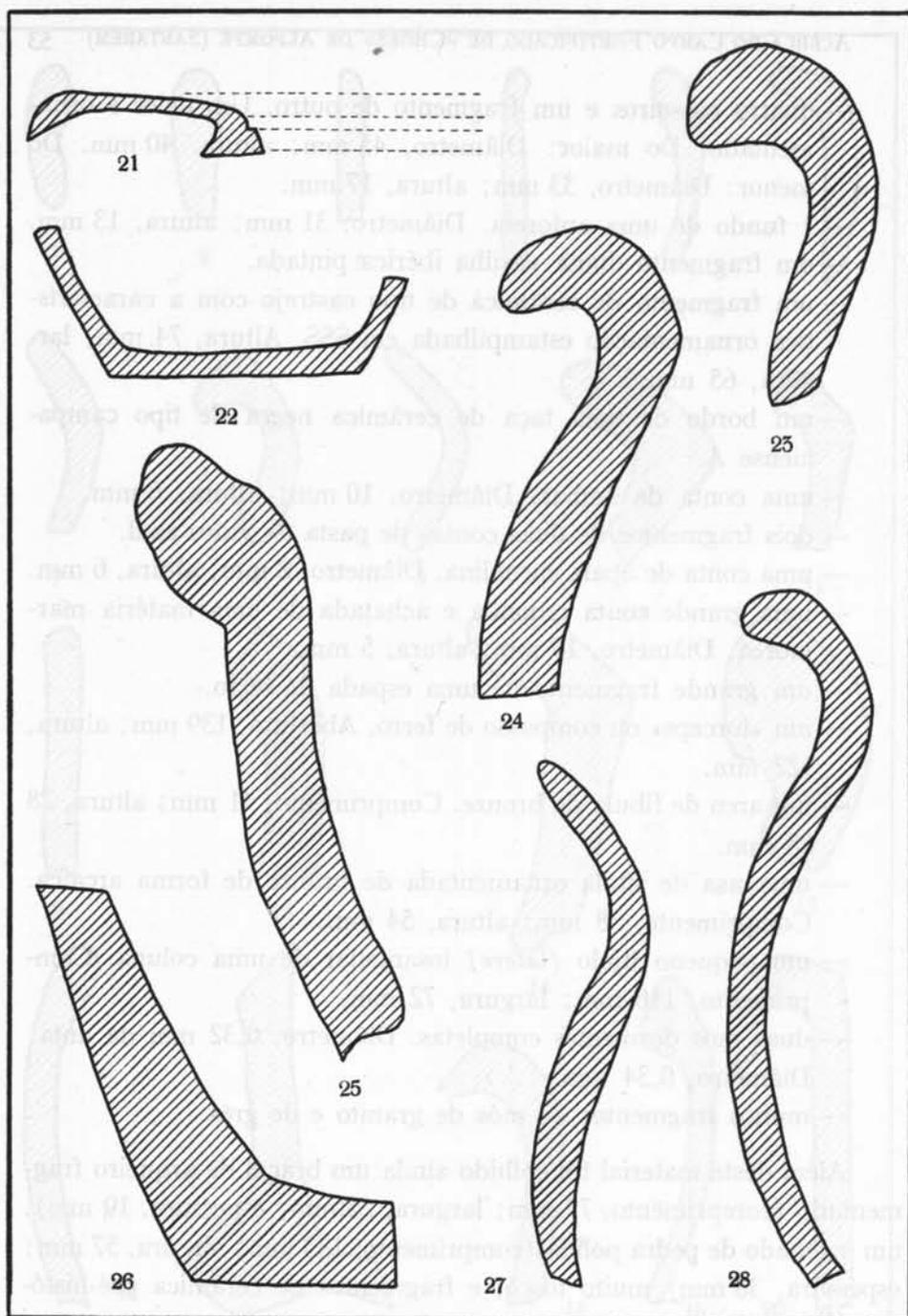
17 — Perfil dum vaso com parte do fundo.

- quatro cossoiros e um fragmento de outro. Um deles é ornamentado. Do maior: Diâmetro, 45 mm; altura, 40 mm. Do menor: Diâmetro, 33 mm; altura, 17 mm.
- 1 fundo de uma anforeta. Diâmetro, 31 mm; altura, 13 mm.
- um fragmento duma vasilha ibérica pintada.
- um fragmento de cerâmica de tipo castrejo com a característica ornamentação estampilhada em SSS. Altura, 74 mm; largura, 65 mm.
- um bordo de uma taça de cerâmica negra de tipo campaniense A.
- uma conta de âmbar. Diâmetro, 10 mm; altura, 6 mm.
- dois fragmentos de duas contas de pasta de vidro azul.
- uma conta de opala carnalina. Diâmetro, 8 mm; altura, 6 mm.
- uma grande conta redonda e achatada de uma matéria mármorea. Diâmetro, 18 mm; altura, 5 mm.
- um grande fragmento de uma espada de ferro.
- um «forceps» ou compasso de ferro. Abertura, 139 mm; altura, 122 mm.
- um arco de fíbula de bronze. Comprimento, 41 mm; altura, 28 mm.
- uma asa de sítula ornamentada de bronze de forma arcaica. Comprimento, 38 mm; altura, 54 mm.
- um pequeno tijolo (*latere*) losangular de uma coluna. Comprimento, 116 mm; largura, 72 mm.
- duas mós dormentes completas. Diâmetro, 0,32 mm da anta; Diâmetro, 0,34 mm.
- muitos fragmentos de mós de granito e de grés.

Além deste material foi colhido ainda um braçal de arqueiro fragmentado (comprimento, 77 mm; largura, 23 mm; espessura, 10 mm), um machado de pedra polida (comprimento, 133 mm; largura, 57 mm; espessura, 38 mm) muito tosco, e fragmentos de cerâmica pré-histórica (\*).

---

(\*) Na última visita realizada ao acampamento tivemos a companhia dos Profs. Doutor Dom Fernando de Almeida e do Doutor Sotto Mayor.



21 — Bordo e parte do fundo em corte de uma vasilha de cerâmica negra de imitação.  
 22 e 26 — Perfis de vasos com fundo.  
 23, 24, 25, 27 e 28 — Perfis em corte de cerâmica doméstica grosseira.

## IV — ANÁLISE DO MATERIAL RECOLHIDO

Na análise do material encontrado começaremos pelo material mais antigo. Assim, estarão em primeiro lugar o machado de pedra polida, o braçal ou placa de xisto furada e a cerâmica pré-histórica. O machado é de tipo primitivo apenas polido no gume e com muitos vestígios de profunda utilização. A placa de xisto está afeiçãoada num dos topos, mas é bem polida e trabalhada e tem um furo na extremidade. A cerâmica está apenas representada por fragmentos grosseiros de vasilha grande com pasta também grosseira e mal cozida.

Segue-se o bordo de taça de cerâmica negra de tipo campaniense A. Esta cerâmica foi encontrada também por Bairrão Oleiro ao recolher um fragmento de cerâmica negra que ele classificou como campaniense A. Seguem-se os fragmentos de cerâmica ibérica pintada e o ornamentado com os SSS. A cerâmica pintada tem analogias com a cerâmica do Crasto de Tavarede e com o de Santo Olaia (Figueira da Foz) <sup>(5)</sup>. O fragmento com os SSS é típico da cultura castreja do Noroeste peninsular <sup>(6)</sup>. Há um prato baixo de cerâmica escura que lembra muito a imitação de cerâmica negra de tipo grego. Os cossoiros, pelo menos o ornamentado, parecem ser da Idade do Ferro. A fíbula e o objecto de bronze que consideramos com dúvida, como asa de sítula, parecem ser de igual modo pré-romanos, da Idade do Ferro. Quanto ao outro material, de uma maneira geral, parece já ser da época romana ou romanizada.

## V — CONCLUSÕES

Parece não haver dúvidas que o campo fortificado de «Chões» entra na categoria dos campos fortificados já apontados <sup>(7)</sup>. De entre

<sup>(5)</sup> A. dos Santos Rocha, «Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira: I — Santa Olaya, II — O Crasto», *Portugália*, vol. II, p. 301 e p. 493. Porto, 1905-1908.

<sup>(6)</sup> Carlos Teixeira, «Subsídios para o estudo da Arqueologia bracarense. I — O Monte do Castro», *Anais da Fac. Ciências do Porto*, T. XXI, Porto, 1936.

R. de Serpa Pinto, «A Cividade de Terroso e os Castros do Norte de Portugal», Famacião, 1932.

<sup>(7)</sup> A. de Amorim Girão e J. M. Bairrão Oleiro, «Geografia e campos» ... ob. cit....

eles, o que mais se aproxima pela sua posição e forma, é o de Antanho (Coimbra), muito embora menos recortado. Em «Chões», ainda se podem observar, também, fora do campo principal, duas atalaias que aproveitaram também um terraço sobranceiro ao acampamento principal, do lado menos defensável.

Pela cerâmica campaniense A, cerâmica ibérica ou lusitana pintada e cerâmica tipo castrejo, poderemos ir um pouco mais longe e considerar os «Chões» como uma possível cidade pré-romana que sofreu influências longínquas do Mediterrâneo e aproximá-las dos Castros ou campos fortificados, ainda tão mal estudados, do Alentejo, como a Mesa dos Castelinhos, Santa Clara-a-Nova (Ourique) (8), o chamado Castro da Azouga (9) perto de Moura, o dos Ratinhos, nesta mesma região, assim como os estratos mais antigos de Miróbriga (Santiago do Cacém), onde, segundo D. Fernando de Almeida, se encontrou igualmente cerâmica campaniense C (10), um pouco mais tardia, portanto.

A hipótese, para o caso de «Chões», emitida pelo arqueólogo Bairrão Oleiro, para a localização de *Móron*, no campo de «Chões», parece-nos absolutamente aceitável, hipótese essa que poderá ser corroborada, lendo Estrabão (11) que nos diz que a cidade pré-romana de *Móron* se localizava próximo do Tejo numa larga porção de terreno cujas dimensões poderiam muito bem corresponder ao «espigão» de «Chões» que se projecta entre o Alviela e o Tejo. Não deixa de ser curioso notar que Bruto Calaico estabeleceu a sua base de operações em *Móron* no ano de 138 a. C. Prova-se, portanto, que Bruto Calaico conquistou *Móron* para poder, aí, estabelecer o seu quartel general. A circunstância da descoberta da cerâmica campaniense de

---

(8) Abel Viana, O. da Veiga Ferreira e António Serralheiro, «Apontamentos arqueológicos dos Concelhos de Aljustrel e Almodôvar». *XXIII Cong. Luso-Espanhol para o Prog. das Ciênc.*, Coimbra, 1957.

(9) Materiais acumulados no Museu Nacional de Arqueologia com a etiqueta de «Em Estudo».

(10) D. Fernando de Almeida, «Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)». *Junta Distrital de Setúbal*, Setúbal, 1964.

(11) Estrabonis geographica, III, 1. Versão portuguesa de Gabriel Pereira, Évora, 1876.

tipo A, só por si, é de grande importância, pois, pelo menos, atribui à antiga cidade de *Móron* (cujo nome é, tipicamente, indígena) o Século IV a. C.. Seria do maior interesse fazer pesquisas convenientes, nesta e nas outras localidades fortificadas com cerâmica campaniense, pois isso nos traria um maior conhecimento das relações comerciais dessa época, entre a Lusitânia e a Bacia Mediterrânica, sob o domínio das feitorias gregas que se teriam expandido, não só pelo litoral marítimo, como pelas embocaduras dos principais rios: Guadiana, Sado e Tejo.

### RÉSUMÉ

Profitant des travaux géologiques réalisés dans la région, les auteurs ont visité le camp fortifié de Chões de Alpompé (Santarém). Dans la présente note ils décrivent le matériel qu'ils ont recueilli en cette occasion et font des considérations sur l'âge du gisement, la céramique campanienne montrant qu'il s'agit du IV<sup>ème</sup> siècle avant notre ère.

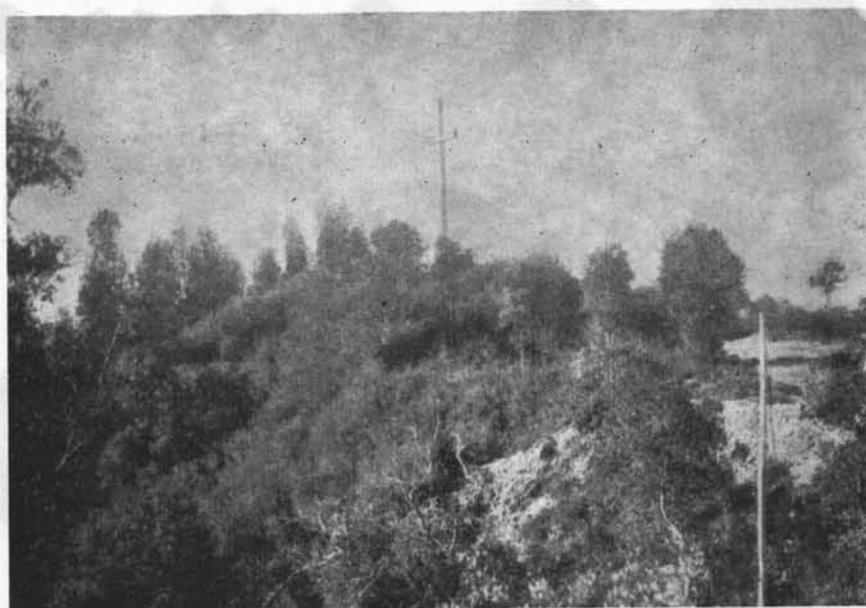
Le camp fortifié a été occupé pendant la conquête romaine et fut utilisé comme base d'opérations militaires.



1 — Vista de uma das entradas do povoado



2 — Vista do talude e terrapleno norte



3 — O torreão de ponte coberto de mata



4 — Vista de longe do torreão de nascente

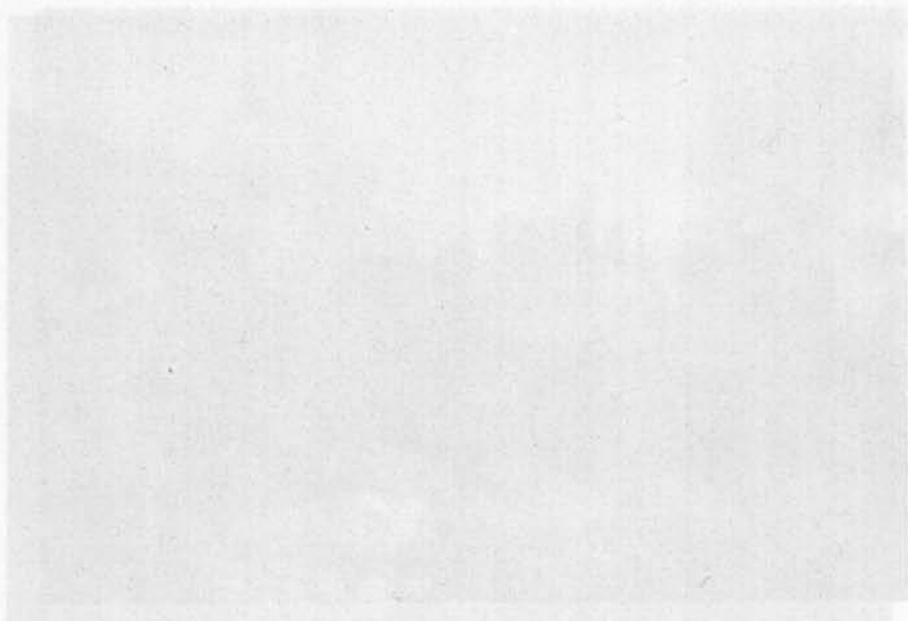


Fig. 1. (Caption text is extremely faint and illegible.)

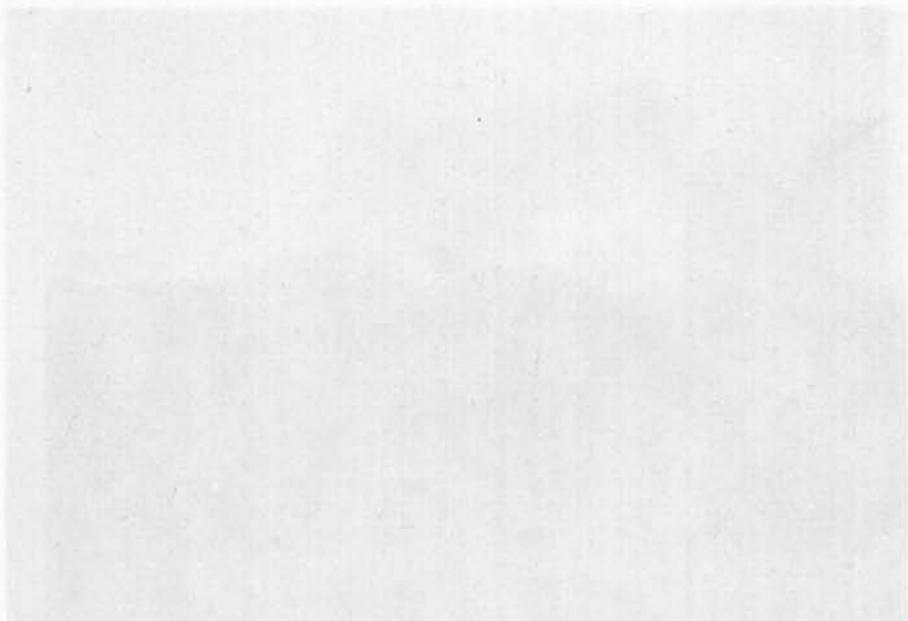
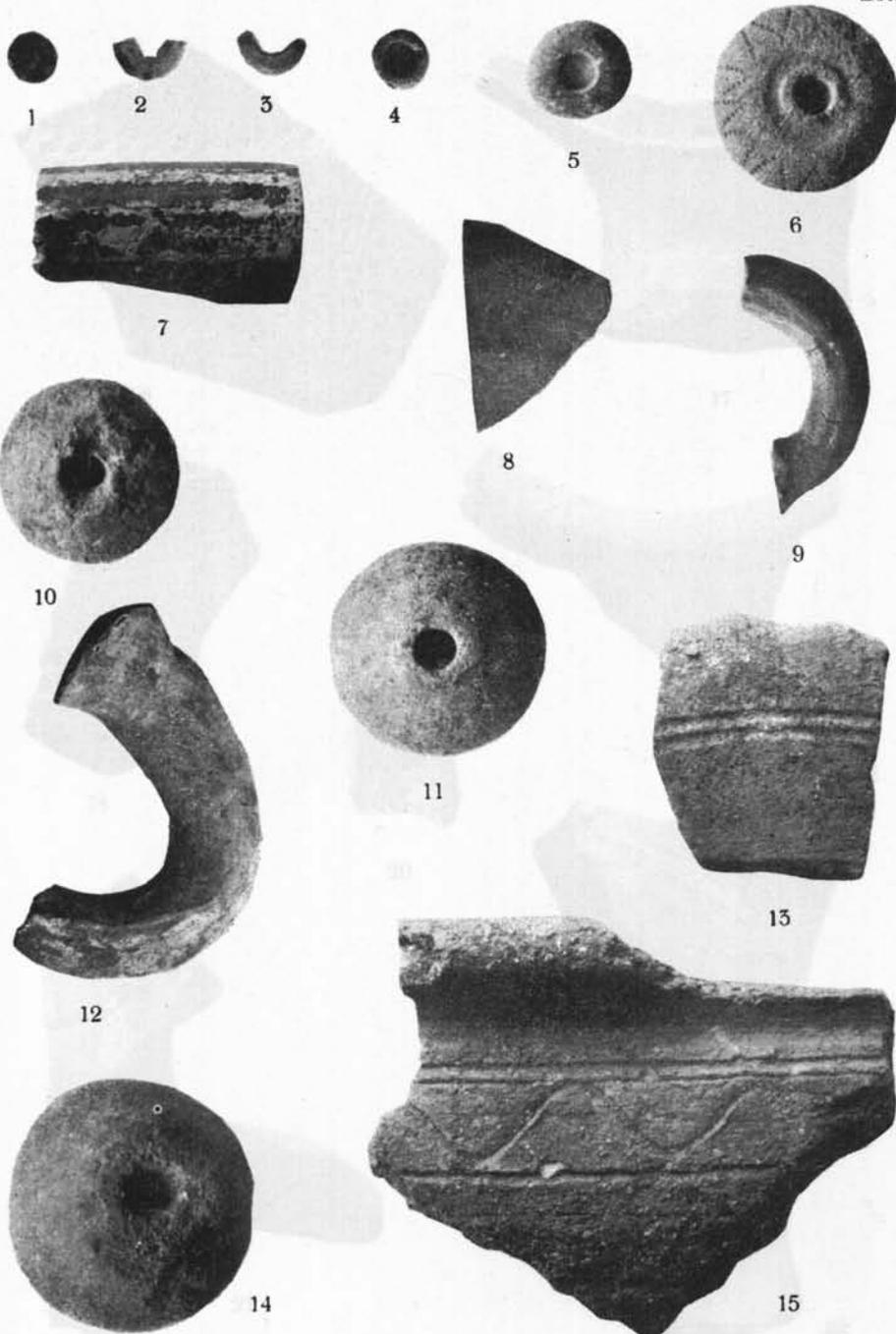


Fig. 2. (Caption text is extremely faint and illegible.)



1 — Conta de âmbar; 2-5 — Contas de pasta de vidro opala e matéria marmórea; 6, 10, 11 e 14 — Cossóiros de barro; 7 — Bordo de cerâmica campaniense; 8, 9, 12, 13 e 15 — Cerâmica doméstica



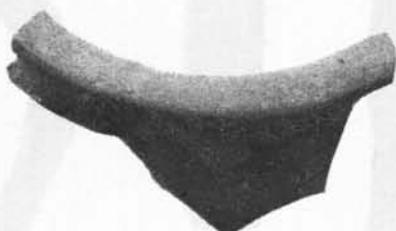
16



17



18



19



20



21



22

16-22 — Cerâmica lusitano-romana doméstica. O n.º 16 é típica da cerâmica castreja



23



24



25



26

27



29



28

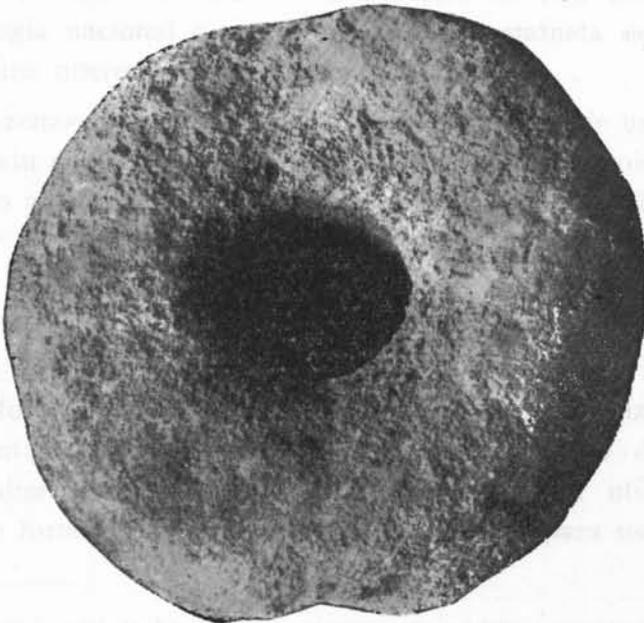


30

23 — Ornamento de bronze asa de sítula?; 24 — Bico fundeiro de ânfora; 25 — Arco de sítula de bronze; 26 — Placa de xisto com furo; 27 — «Forceps» de ferro; 28 — Tijolo losangular; 29 — Machado de anfibólito com o gume polido; 30 — Restos de instrumento de ferro espada?



31



32

Mós dormentes de grés e calcário